

## **A Canção: um Canal de Expressão de Conteúdos Simbólicos e Arquetípicos**

Sofia Cristina Dreher\*

### **Resumo**

Este trabalho visa uma reflexão sobre a utilização da canção no processo musicoterapêutico. Propõe-se uma análise maior dos conteúdos que são expressos através da canção. Para tanto, fez-se uma pesquisa sobre o pensamento simbólico. Esses questionamentos surgiram a partir de um trabalho com pacientes oncológicos.

**Palavras-chave:** Canção, Canal de Expressão, Prática Musicoterapêutica.

### **Abstract**

This text aims a reflection about the song utilization in a music therapeutic proceeding. It recommends a greater analysis of the contents expressed through the song. Therefore a research about the symbolic thinking was effectuated. These questions appeared during a work with cancer patients.

**Key-words:** Song, Expression Channel, Music Therapeutic Practice.

### **O Pensamento Simbólico**

O pensamento simbólico se constitui de três entidades que estão interligadas, os complexos, os arquétipos e os símbolos.

\* Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: sofiasoft@yahoo.com.br

Segundo o dicionário Aurélio<sup>164</sup> complexo é o grupo ou conjunto de coisas, fatos ou circunstâncias que têm qualquer ligação ou nexos entre si. Partindo para um conceito mais direcionado à área de psicologia, tem-se algo mais completo quando ULSON<sup>165</sup> coloca que complexo é um “agrupamento de idéias, sentimentos e imagens com um núcleo em comum e que se comporta como uma individualidade”.

Os dois conceitos acima mencionam conjunto e agrupamento de idéias que se relacionam, mas há um aspecto importante a ser ressaltado, o de que eles unem sob uma carga de sentimento, emoção muito forte. Assim se podem relacionar os complexos com os temas de vida que se tem. KAST<sup>166</sup> fala dos complexos como pontos suscetíveis de crise no indivíduo, ou seja, são temas com os quais se lida no transcorrer da vida, temas que movem essas vidas. É importante ressaltar que todos têm complexos e que eles é que dão a dinâmica à vida, é em função deles que se procura a transformação, o equilíbrio na psique, na vida.

Para falar a respeito dos complexos, precisa-se antes localizá-los na estrutura da psique. Eles “residem” no inconsciente, ou seja, num local onde não se tem acesso, a não ser através dos sonhos. Quando se quer e pode tornar esses conteúdos conscientes, ocorre então o que Jung chamou de dialética entre consciente e inconsciente, ou seja, passa a existir um “intercâmbio” de informações. Mas enquanto alguns conteúdos, complexos não se tornam conscientes, eles agem sobre as pessoas inconscientemente, portanto sem controle e percepção dessa ação. Esse é o aspecto negativo do complexo, o da dominação. Perante esse complexo, essa problemática, passa-se a reagir sempre dentro de um padrão de comportamento e de idéias.

Nem sempre se têm estrutura e suporte para receber devidas informações do inconsciente. Existem complexos que se formaram a partir de determinadas situações a que se foi confrontado durante a vida e com os quais não se conseguiu lidar, resolver. A repressão

164 COMPLEXO, Dicionário Aurélio, 1977.

165 ULSON, Glauco, 1998.

166 KAST, Verena, 1997.

desses conteúdos, os transforma em complexos inconscientes. Por esses aspectos é que o lidar com o inconsciente se torna algo tão dolorido, pois são temas que por motivos afins se fez questão de esquecer. E a hora e o momento de lidar com esses conteúdos, só podem partir do próprio indivíduo, caso contrário, o bloqueio e a repressão serão ainda maiores.

O caminho do processo de lidar com os complexos não pode ser nem o da defesa nem o do controle; trata-se de permitir que os complexos se desdobrem em fantasias, de vê-los e compreendê-los em padrões e então incorporá-los ao consciente por meio do trabalho com o símbolo.<sup>167</sup>

A partir do momento que se vê que existe determinado comportamento frente a um tema, passa-se à compreensão dessa ação e acaba-se por incorporá-la ao seu consciente, ou seja, pode-se prever que aquele tema o mobiliza e dessa forma, até torná-lo mais sutil, menos prejudicial a si e aos que o rodeiam. Ao final retorna-se ao ponto de partida do pensamento de Jung, o de que o indivíduo deve buscar o equilíbrio, a dialética, nem a defesa nem o controle, mas a compreensão e adaptação.

Contudo, apesar desses aspectos puramente pessoais, que dependem das experiências vividas por esses indivíduos, há algo que dá forma a tais experiências, que molda esses conglomerados de idéias e emoções segundo padrões típicos da nossa espécie humana. O complexo, dessa forma, um núcleo inatingível abstrato, puramente formal, que Jung chamou de arquétipo.<sup>168</sup>

Segundo a citação acima, arquétipo são as formas de agir, pensar, que temos em comum, que são herdadas, são as estruturas básicas da psique. Para que uma idéia, um comportamento seja arquetípico, ele deve ter aparecido em diversas épocas, regiões e civilizações. Por esse motivo é que se fala que os mitos são o veículo mais "exato" dos arquétipos, porque falam de acontecimentos passados que tocaram, ou seja, que espelham os comportamentos atuais.

167 KAST, Verena, 19997, p.47.

168 ULSON, Glauco, 1998, p. 33.



O arquétipo é visto como um conceito puramente formal, um arcabouço então preenchido com imagens, idéias, temas, etc. A forma ou padrão arquetípico é herdada, mas o conteúdo é variável, sujeito a mudanças históricas e ambientais.<sup>169</sup>

Essa citação vem por confirmar a idéia de que os padrões são passados, são herdados, transmitidos, como através dos mitos, mas que o conteúdo advém da época, do ambiente, e é essa possibilidade de lidar, relacionar o passado como presente que dá a dimensão de um tempo atemporal ao que se chama de tempo mítico.

No pensamento mítico, o tempo não é quantitativo, contínuo, homogêneo e infinito, como o conhecemos através da ciência. Tampouco é como o tempo que Mircea Eliade chama profano - esse com que convivemos - , contado em horas, dias, meses, anos, séculos, milênios, compartimentado por relógios, agendas, calendários ou História. Não é conceito abstrato, é vivência - conhecido através da emoção, vivido como sagrado.<sup>170</sup>

A partir do momento que o indivíduo tem consciência de que a dor não é só sua, mas também de outras pessoas, ele se coloca sobre um plano maior, o da humanidade. É através desse pensamento que ele dá um sentido maior à vida, que ele introduz um plano transcendental, onde se passa a entender que vieram outras pessoas antes dele e que virão outras depois, e o mais importante, de que tem um sentido após a morte.

(...) o indivíduo que sofre pode relacionar seus problemas aos problemas que sempre constituíram o ser humano; desperta-se sobretudo a esperança de poder viver com os problemas, de dominar a vida.<sup>171</sup>

Quando se diz que os arquétipos são os padrões, são os "olhos do observador" e não aquilo que ele observa, precisa-se entrar num conceito que surgiu juntamente com o arquétipo, o do inconsciente coletivo. Quando se fala dos complexos, localizam-se eles dentro do inconsciente, agora especificado como inconsciente pessoal, por se

169 SAMUELS, Andrew, 1989, p. 43

170 SEABRA, Zelita, 1996, p. 89.

171 KAST, Verena, 1997, p. 113.

tratar de conteúdos provindos de experiências pessoais, mas, para inserir esses conteúdos numa abrangência maior, o da humanidade, precisa-se conferir aos conteúdos arquetípicos a localização no inconsciente coletivo, no qual todos fazem parte.

Como já foi esclarecido anteriormente, o arquétipo é algo formal, são os olhos do observador, mas aquilo que ele observa, o conteúdo, surge através das imagens arquetípicas, o símbolo.

A própria definição de símbolo dada por Jung pode ser resumida como referindo-se à melhor formulação possível de um conteúdo psíquico relativamente desconhecido que não pode ser compreendido pela consciência. Para Jung, um símbolo não é um sinal; este se refere àquilo que já é conhecido (um sinal de estrada, um sinal indicando o banheiro, etc). A psique produz espontaneamente símbolos quando o intelecto está confuso e não sabe como lidar com uma situação interna ou externa. Um símbolo não é analogia que simplesmente elucida ou traduz.<sup>172</sup>

Partindo da citação acima, tem-se a função do símbolo, a de mediar o inconsciente com o consciente. Como foi visto anteriormente, os complexos, bem como os conteúdos arquetípicos rompem a mente consciente, num intuito de equilibrar os pensamentos e comportamentos, e isso só é possível através do símbolo, que é o veículo de comunicação entre o inconsciente e o consciente. É importante ressaltar que é por meio do símbolo que se tem a possibilidade de uma melhor compreensão e adaptação de conteúdos do inconsciente, do contrário, acabaria-se por reprimi-los e negá-los.

Quando se lida com o símbolo, faz-se necessário a distinção do sinal. Como citado acima, o sinal é algo conhecido de todos e cujo significado é igual para todos. Já o símbolo, trata-se de elementos do cotidiano dotados de significados, dentro de um contexto de história e de vida do indivíduo, cujo significado não pode ser traduzido, decifrado, mas sim ampliado, re-significado.

A etimologia do conceito mostra o símbolo como algo composto. Apenas quando combinado é um símbolo, tornando-se símbolo de alguma coisa.<sup>173</sup>

172 SAMUELS, Andrew, 1989, p. 118/119.

173 KAST, Verena, 1997, p. 19.

Aqui se retoma a importância de se contextualizar o símbolo, ao qual se é defrontado. Se não se tiver o cuidado de localizar o símbolo dentro do contexto de vida do indivíduo, cai-se na tradução do símbolo, o que acarretaria em interpretações “certas” ou “erradas”. Um símbolo, além de não ser traduzido, jamais terá apenas um significado, mas muitos, pois cada vez que se entra em contato com ele, ele diz algo do qual se está precisando saber. “... mostra a verdade e a realidade interiores do paciente como realmente são, não como eu conjecturo que sejam e não como ele gostaria que fossem, mas como elas são.”<sup>174</sup> É por esse motivo que quando um símbolo “atinge” o indivíduo, ele causa mudanças, transformações, porque ele é real, o indivíduo não pode fingir, ignorar a sua existência, mas para tanto, tem que estar preparado.

Para vivenciar os símbolos realmente como tais - e em última análise o que importa é a vivência - e não apenas vê-los como sinais, devemos estar prontos para nos deixar tocar emocionalmente por eles.<sup>175</sup>

### O Pensamento Simbólico na Canção

*“A arte é a criação de formas simbólicas do sentimento humano”*.<sup>176</sup>

Suzanne Langer amplia o olhar perante as obras de arte, faz buscar o sentimento dentro delas. A frase acima traduz bem o valor que as obras de arte contêm e carregam. Não se trata apenas do sentimento que o artista imprime na obra, mas também do sentimento com que se aprecia essa obra e, na linguagem musical, com que ela se expressa.

(...) a música é “forma significante”, e sua significação é a de um símbolo, um objeto sensorialmente articulado que, em virtude de sua estrutura dinâmica, pode expressar as formas da experiência vital que a linguagem é

174 WHITMONT, Edward C., 1969, p. 34.

175 KAST, Verena, 1997, p. 25.

176 LANGER, Suzanne, 1953, p. 42.



Aqui se tem a oportunidade de compreender melhor o envolvimento de cada indivíduo com a música, com a canção, o que “atrai” em determinadas canções e como elas falam, ao mesmo tempo, da vida, de momentos que se está vivendo. Para isso serão tomados três termos, o significante, o significado e o signo, os quais aparecem também dentro do mito. Como diz a citação acima, a música é o significante, ou seja, é uma forma, uma obra, um veículo, um canal. O conteúdo dessa forma, e como relatado acima, formas de experiência vital, como sentimento, emoção, vida, é denominada como significado. A autora ainda ressalta um aspecto de grande valia, a estrutura dinâmica que a música, como um símbolo, tem e que possibilita imprimir na obra as experiências humanas, quase que de forma real, tamanha é a comoção que causa. Isso fica muito claro quando se entende que a música possui um tempo, um andamento, um fluir, um prosseguir, um retornar, um fim, ou seja, todos esses aspectos também fazem parte das vidas. Mas cabe ressaltar aqui, que apenas esses dois termos, o do significante e o do significado, não teriam a menor valia se não fosse a existência de um terceiro, que depende muito de cada indivíduo, ou seja, o signo. Esse sim tem o papel de associar e de dar a significação da obra de arte com a obra da vida, ou seja, as vidas. Pois, para que se possa associar a forma com o conteúdo e proporcionar uma significação, precisa-se passar a obra e a impressão pelos sentimentos para que ela expresse algo para o indivíduo. É mais ou menos como se tivesse que passar tal obra e conteúdo pelo “filtro de nossas experiências de vida”. Feito isso, não é por acaso que muitas, senão todas, das canções que se canta, escuta, aprecia, traduzem o momento pelo qual se está vivendo.

A canção é a forma que carrega conteúdos de experiências humanas, vitais, pelas quais também se passa, vive e daqui provêm as associações, significações as quais ligam as pessoas diretamente, numa conexão atemporal.

---

177 *Ibid.* 1953, p. 34.

Os afetos existem no tempo, como a música, e o tempo passa, não há como pegá-lo, estancá-lo. Há sim. As canções seriam uma das formas privilegiadas de fazer isso. Elas guardam blocos de tempo, de memória. E com seu formato circular, de eterno retorno, voltam sempre resgatando a carga afetiva com que as associávamos - sem o perceber, e daí vem o seu poder - na época em que as ouvíamos ou cantávamos.<sup>178</sup>

Já foi relatado anteriormente o valor da canção quanto à associação, significação que se tem com ela devido aos conteúdos de obras distintas, a saber, arte e vida, porém de experiências vitais, humanas iguais. Agora o autor acima traz um outro aspecto muito importante e de grande poder para a Musicoterapia, o de eterno retorno, ou seja, quando se canta hoje uma canção que se aprendeu na infância, aquele tempo retorna ao tempo do hoje. Mas mais importante do que o retorno do tempo são as cargas afetivas, que em alguns casos podem conter complexos não resolvidos que retornam, estando anteriormente “escondidos” no inconsciente, que agora emergem no consciente. Aqui novamente se confirma a tese de que a canção é um canal de expressão. A canção, como relatado acima, tem o poder de emergir os complexos, as experiências vitais, que nem sempre são tão claras enquanto apenas vividas. À medida que se canta, os conteúdos da canção vão associando com os dos indivíduos e, através dessa significação, é que se toma conhecimento de pontos anteriormente encobertos, que impossibilitavam um entendimento, um equilíbrio maior do ser e de suas experiências vitais. “Há momentos de entaves, bloqueios, onde não conseguimos traduzir em palavras o que sentimos. As canções podem permitir, então, o emergir dos conteúdos bloqueados”.<sup>179</sup>

Os Camarati italianos consideravam a transmissão de palavras como a tarefa fundamental da música. Não se quer adentrar aqui em questões de papéis principais e coadjuvantes, mas sim na unidade que se forma, o canto, a poesia, a saber, a canção.

Quando as palavras entram para a música, elas não são mais poesia ou prosa, são elementos da música. Sua tarefa é ajudar a criar e desenvolver

178 LANGER, Suzanne, 1953, p. 42.

179 COSTA, Mauro Sá Rego, 2001, p: ix, x.



a ilusão primária da música, o tempo virtual, e não a da literatura, que é outra coisa; assim, elas desistem de seu status literário e assumem funções puramente musicais.<sup>180</sup>

Muitas pessoas acreditam que não é função do Musicoterapeuta dar importância às letras das canções, mas apenas à estrutura musical desta. Talvez porque entendam que a poesia é apenas uma comunicação verbal e esquecem que na canção ela não está sozinha e nem pode “sobreviver” individualmente. Não é possível imaginar, lembrar e até recitar a canção “Desafinado”, de Tom Jobim, sem a estrutura musical. Consegue-se entender o termo desafinado, a passagem “(...) que isso é bossa nova, isso é muito natural”?

Quando palavra e música se conjugam na canção, a música engole as palavras; não só meras palavras e sentenças literais, mas até mesmo estruturas literárias de palavras e poesia. A canção não é um compromisso entre poesia e música, embora o texto tomado em si mesmo seja um grande poema; a canção é música.<sup>181</sup>

A autora acima expõe a unicidade da canção, nela não existe música sem poesia e poesia sem música. Assim como se pediu anteriormente para recitar a canção “Desafinado” sem a música, o contrário também se faz necessário. Toda vez que a melodia, harmonia, surge nos ouvidos, mente, automaticamente a letra, a poesia também vem, pois ambas são uma unidade, uma complementa o sentido da outra.

A partir desses entendimentos, reafirma-se novamente que a canção é um canal de expressão e que é tarefa, sim, do Musicoterapeuta, dar suporte para os conteúdos pessoais que vêm atrelados a essa expressão, comunicação.

Quando se produz, expressa um som, uma canção, esse som se reverbera, se expande, amplia o símbolo da arte. Essa, carregada de experiências vitais, amplia as dos indivíduos, não apenas no tempo do hoje, mas também no do passado e do futuro. O reverberar, que

180 LANGER, Suzanne, 1953, p. 156.

181 Ibid., 1953, p. 158.

nada mais é do que o refletir, faz com que se reproduza imagens de..., conteúdos simbólicos e arquetípicos, ou seja, conteúdos que giram em torno de, vivem em torno de, os quais transcendem e existem.

Para que toda essa ampliação do símbolo ocorra, torna-se necessário que o símbolo traga os conteúdos vitais pelos quais se vive.

O Canto é um elemento estruturante para o ser humano, quer em sua história filogenética, colaborando na construção cultural, fazendo parte do universo simbólico de todas as culturas, quer em sua história ontogenética, graças à qual, cada indivíduo, ao nascer, utiliza vocalizações para iniciar o intercâmbio com o mundo. O homem vem, então, expressando-se musicalmente através da voz: nos cantos de trabalho, nos cânticos guerreiros, nos cantos religiosos ou sacros, nos acalantos de mães ou pais embalando filhos, nas festas, nos jogos, na crônica social de época, nas óperas associando dramas e mitos ao canto, nas canções populares... Enfim, em suas atividades, talvez mais significativas, o ser humano lança mão do cantar.<sup>182</sup>

Na época em que foram e que são feitas as canções, os artistas imprimem não apenas a sua vida, ou seja, seu trabalho, divertimento, mas também e principalmente todo o contexto no qual estão inseridos, como as guerras, a repressão, a seca. Isso tudo fica muito evidente quando se tem contato com canções como *Asa Branca* de Luiz Gonzaga, o *Hino de Duran (Hino da Repressão)* de Chico Buarque, e tantas outras. Elas não tratam apenas de experiências individuais do compositor, mas de todo um contexto no qual estão inseridos e isso faz com que esse símbolo seja entendido e tenha significação para muitas pessoas. Assim, elas passam a serem utilizadas como a expressão de um povo.

Outro tipo de canto de grande importância para a compreensão do aspecto da expressão de conteúdos arquetípicos, são os cantos religiosos ou sacros.

Talvez seja o canto, uma das mais antigas maneiras do homem entrar em contato com o transcendente, com as forças divinizadas da natureza, com a idéia de um ser supremo. As canções e danças indígenas, os cantos Gregorianos, os mantras, as ladainhas, os spirituals, os "pontos" de terreiro, as

182 BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo, MILLECCO FILHO, Luis Antônio, MILLECCO, Ronaldo Pomponet, 2001, p. 109.

incelências, enfim, as evocações religiosas, funcionam como um canal de comunicação entre céu e terra, entre homem e Deus.<sup>183</sup>

Tanto esse tipo de canto como a canção que fala da seca, a Asa Branca, levam a uma reflexão sobre algo maior, sobre a existência. Algo que iguala os indivíduos aos demais seres e que coloca a dor não mais como única, mas como a dor de um povo, de uma civilização.

### Um Olhar do Musicoterapeuta sobre a Canção

Bruscia, em seu livro *Definindo Musicoterapia*, traz uma definição de trabalho, onde consta que “Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudanças”.<sup>184</sup>

Dentro dessas experiências musicais, existem as classificações de técnicas e recursos utilizados na prática musicoterapêutica, tais como as técnicas da re-criação, composição, audição e improvisação, bem como recursos instrumentais, áudios, canções.

É importante ressaltar que a canção pode ser utilizada dentro de todas as técnicas citadas anteriormente, mas cabe enfatizar que a canção não é o único canal de expressão na musicoterapia.

O ato de cantar está muito presente em nossa sociedade. E é através do povo que a canção, a composição do autor, se torna popular, difundida, ou seja, a canção que o autor criou, passa a ser um significante para o povo. E é dessa forma que o símbolo emerge, uma vez que a canção contém vivências, experiências, imagens da natureza em que se vive e que se sente.

As imagens produzidas pela psique podem ser altamente pessoais, mas o drama em nosso palco interior costuma ser uma encenação do drama humano geral. Os artistas e os sábios sempre souberam disso. Nossos problemas particulares - nascimento, morte, relacionamentos, conflitos e a busca

183 Ibid., 2001, p. 48.

184 BRUSCIA, Kenneth E., 2000, p. 22.



de significado - são problemas humanos. Quem estiver passando por um deles tem chance de perceber que essa experiência é uma versão de imagens grandiosas que simbolizam o medo como a humanidade sempre vivenciou esse problema. Jung chamou de arquétipos essas imagens atemporais. São dinâmismos que fornecem padrões de um comportamento, de emoção e de experiências pessoais que transcendem a história pessoal.<sup>185</sup>

O autor Milton Nascimento, como tantos outros autores, consegue imprimir esses “dramas humanos”, dos quais o autor fala acima. Dentre tantas canções da autoria de Milton Nascimento, uma em especial se encaixa dentro da abordagem desse trabalho, a canção intitulada, *Certas Canções*.

*“Certas canções que ouço cabem tão dentro de mim  
Que perguntar carece como não fui eu quem fiz.  
Certa emoção me alcança corta minha alma sem dor.  
Certas canções me chegam como se fosse o amor.”*

“Como não fui eu quem fiz”? *Certas canções* falam tanto da vida, que por um instante, se confunde, como se passasse de uma canção para um relato de vida pessoal. É essa “mágica”, que a canção, como portadora de elementos simbólicos, nos proporciona.

*“... eu perguntei a Deus do céu, por que tamanha judiação”.*<sup>186</sup>

Percebe-se que a judiação, a dor do povo relatado na canção, é de uma realidade, mas a dor não é só de domínio desse povo, mas de todo ser humano, daí a capacidade de ampliação do símbolo, do significado que damos a ele. Percebe-se a “Quem” se refere a súplica, a indagação, o pedido. A constelação do arquétipo do “Pai”, reflete a ajuda, o amparo, o consolo, que tanto necessitam nesse momento.

É importante que a canção seja esmiuçada até que o símbolo seja ampliado e significado para o paciente, ou seja, que o paciente se sinta atingido, tocado pela mensagem. Isso fica muito evidente

185 WHITMONT, Edward C., 1991, p. 47.

186 Verso da canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga.

quando o paciente canta a canção uma vez, mas, não compreende o que cantou e nem está pré-disposto a “receber” o significado do símbolo.

Através de canções, eles podem comunicar seus problemas, suas necessidades ou desejos insatisfeitos do passado ou do presente, suas alegrias, sua solidão. Eles podem ser lembrados de períodos tristes ou felizes que podem providenciar uma introspecção maior de seus problemas do presente, ou que podem levá-los para longe de seus desconfortos imediatos. Através do ouvir ou cantar canções, eles podem aprender ou ensinar, podem experimentar ou re-experimentar fatos e sentimentos, podem tocar ou ser tocados pela audição.<sup>187</sup>

Também se pode dizer que foram tocados pelo símbolo. Isso que a autora fala acima, só pode ser entendido dentro do pensamento simbólico, uma vez que os problemas, as necessidades e desejos, não são expressos de forma verbal, mas através das palavras das canções. Essas, contendo material simbólico, permitem fazer associações, ligações, re-significá-las para com a vida pessoal do paciente. Nem sempre essa expressão provém dos pacientes, em termos do ato de cantar. Muitas vezes, a escuta da canção contém letras, das quais emergem símbolos, mensagens de que estavam precisando.

Dentro da prática musicoterapêutica com pacientes com câncer, percebe-se que uma das primeiras necessidades dos pacientes, é falar, cantar algo que os “leve” daquele lugar, daquela situação. Não é por acaso que, em alguns atendimentos, solicitam canções “alegres”, contradizendo, saindo do estado em que se encontram. Quando se percebe que é a vontade e a necessidade deles “fugirem” um pouco daquela realidade, pede-se a eles que recordem de canções da infância e épocas significativas de suas vidas, como o namoro. Raras não são as vezes em que as risadas e expressões de lembranças alegres vêm ao rosto, antes de expressarem as canções. Aqui fica muito evidente o aspecto do espaço atemporal que a canção proporciona. Ela permite que as lembranças, as cargas afetivas, venham à tona, no momento em que são resgatadas as canções. Muitas também são

187 BAILEY, Lucanne Magill, 1984, p. 6, 7.

as histórias que vêm atreladas a essas canções. É um momento de intenso prazer, alegria e distanciamento, nem que por alguns minutos, daquela situação real que estão vivendo e sentindo. Deve-se ressaltar que o trabalho da musicoterapia, realizado com os pacientes oncológicos, é feito durante a quimioterapia, portanto, um momento em que para uns há dor, desconforto e muita tensão.

O conteúdo de canções é significativo. Pessoas preferem ouvir e participar de canções que expressem suas necessidades e que convém ao ânimo e às mensagens que eles desejam ouvir. Informações variadas a respeito das necessidades físicas, emocionais e espirituais de pacientes e famílias podem ser obtidos ao prestar mais atenção às canções que eles escolhem e às razões para suas escolhas. Os conteúdos da escolha ou lembranças.<sup>188</sup>

Quando indagam sobre canções que aparecem com mais frequência entre os pacientes com câncer, pode-se dizer que uma canção que acompanha o trabalho do início até o presente momento, é “Nossa Senhora”, de Roberto Carlos. O símbolo de cuidado, de ajuda, que essa canção contém, é ampliado por muitos, uma vez que a situação em que estão vivendo pede pela ajuda, pelo cuidado. A canção fala do pedido pelo cuidado:

*“Nossa Senhora me dê a mão. Cuida do meu coração.  
Da minha vida, do meu destino, cuida de mim.”*

É importante ressaltar, mais uma vez, que a ajuda é pedida a um plano maior, um plano transpessoal, o arquétipo está novamente presente.

Segundo os estudos da autora Elisabeth Kübler-Ross,<sup>189</sup> dentro de um processo do morrer, existem cinco estágios pelos quais se passa, a saber: a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. O caso a ser relatado agora é de uma paciente que se encontra numa fase de transição entre a depressão e a aceitação.

Quando a musicoterapeuta chega à sala, a paciente está chorando

188 Ibid., 1984, p. 7.

189 KÜBLER-ROSS, Elisabeth, 2000.



e algumas enfermeiras dizendo a ela que não tem porque chorar, que, pelo contrário, deve ficar alegre. Aqui cabe fazer uma constatação perante a dificuldade dos profissionais de saúde em darem suporte à dor emocional dos seus pacientes. Esses profissionais não são preparados para lidar com a dor emocional, e sim, apenas com a dor física. Em alguns casos, os pacientes sentem uma angústia muito grande por não serem compreendidos na sua dor, uma vez que ela não se divide em dor física e emocional. Voltando ao relato do caso, a paciente disse que não estava encontrando lugar para chorar em sua casa, que apenas o conseguia fazer, à noite, em seu quarto. A musicoterapeuta então cochichou com ela, que fariam daquele lugar e daquele momento, um local para chorar, porque o choro faz bem. Antes mesmo de terminar de falar, o choro ganhou espaço e saiu. Enquanto isso, a musicoterapeuta pediu licença para tocar e cantar uma canção, "Aquarela", do Toquinho e Vinícius de Moraes. Foi escolhida "Aquarela", por falar de um futuro do qual não se tem controle, por falar de um fim que chega para todos:

*"Basta imaginar ele está partindo sereno e lindo  
E se a gente quiser ele vai pousar."*

*"E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar  
Não tem tempo, nem piedade, nem tem hora de chegar.  
Sem pedir licença muda a nossa vida  
E depois convida a rir ou chorar.*

*Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.  
O fim dela, ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.  
Vamos todos numa linda passarela de uma aquarela,  
Que um dia enfim, descolorirá."*

A musicoterapeuta pediu que, dentro do possível, a paciente a acompanhasse no canto, uma vez que apresentava dificuldades de respiração devido a um câncer no pulmão. Cantaram, conversaram, a paciente chorou e, em um determinado momento, perguntou o que a musicoterapeuta tinha para dizer a ela. Esta olhou em seus

olhos e perguntou o que a paciente gostaria de dizer a ela mesma. O choro veio com mais força, juntamente com a frase: "Que eu não tenho cura". A constatação e aceitação tinham ganhado espaço para a expressão, uma vez que em sua casa não havia espaço para esse diálogo. A musicoterapeuta acolheu a sua constatação e ficou num movimento mais de escuta, uma vez que era isso que não estava encontrando, mas precisando. Mas também, teve um movimento de confirmá-la dentro da sua dor e de uma morte iminente. Como já sabia de seu estado terminal, a canção Aquarela não foi escolhida por acaso. A musicoterapeuta trouxe essa canção por revelar que ela não tinha mais cura e que a morte é algo que vem para todos, que faz parte da vida. Ao final, quando foi solicitada uma canção para o próximo encontro, a paciente pediu a canção: Se eu quiser falar com Deus da autoria de Gilberto Gil. Naquele instante, a musicoterapeuta pode compreender que o coração da paciente estava mais aliviado e que o medo da morte tinha sido amenizado, e talvez até superado.

"Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que ficar a sós  
Tenho que apagar a luz  
Tenho que calar a voz  
Tenho que encontrar a paz

...

Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que me aventurar  
Tenho que subir aos céus  
Sem cordas pra segurar  
Tenho que dizer adeus  
Dar as costas, caminhar  
Decidido, pela estrada."

É dessa forma que a canção pode falar a respeito dos pacientes, pode ajudar a compreendê-los e, principalmente, eles a si próprios, dentro da situação em que estão vivendo. Nos momentos em que pa-

lavras não precisam ser ditas e nas quais nem se consegue dizê-las, as canções ampliam e “falam” a respeito deles e para eles.

Mensagens contidas nas canções podem providenciar suporte para necessidades internas e podem ajudar pessoas a processarem perdas e aflições. Canções podem evocar imagens prazerosas e podem provocar alegria.<sup>190</sup>

Além de a canção atingir, transmitir e ampliar o indivíduo, justamente pelo seu caráter simbólico, também permite que os musicoterapeutas possam compreender seus pacientes, bem como o momento que estão vivendo, onde as palavras cantadas soam melhor e mais fáceis aos ouvidos, ao entendimento e ao coração.

### Referências Bibliográficas

BAILEY, Lucanne Magill. The Use of Songs in Music Therapy With Cancer Patients and Their Families. In: *The Journal of the American for Music Therapy*. New Jersey – EUA, vol. 4, n. 1, 1984.

BRUSCIA, Kenneth E. Definindo a Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COMPLEXO. In: FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

CONDE, Cecília. Orelha do livro. In: MILLECCO FILHO, Luis Antônio, BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo, MILLECCO, Ronaldo Pomponét. *É preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

COSTA, Mauro Sá Rego. Prefácio. In: MILLECCO-FILHO, Luis Antônio, BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo, MILLECCO, Ronaldo Pomponét. *É preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

---

190 *Ibid.*, 1984, p. 7.



KAST, Verena. A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Loyola, 1997.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth, Sobre a morte e o morrer. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LANGER, Suzanne K. Sentimento e forma. São Paulo: Perspectiva, 1953.

\_\_\_\_\_. Filosofia em nova chave. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MILLECCO FILHO, Luís Antônio, BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo, MILLECCO, Ronaldo Pomponét. É preciso cantar - Musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

SAMUELS, Andrew. Jung e os pós-junguianos. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SEABRA, Zelita. Tempo de Camélia - o espaço do mito. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ULSON, Glauco. O método Junguiano. São Paulo: Ática, 1988.

WHITMONT, Edward C. A busca do símbolo: Conceitos básicos de Psicologia Analítica. São Paulo: Cultrix, 1969.

\_\_\_\_\_. Retorno da Deusa. São Paulo: Summus, 1991.